

Bolsonaro diz a banqueiros que não assinará 'cartinha'



O presidente Jair Bolsonaro na saída do encontro da Febraban ao lado de convidados, entre eles o ministro Paulo Guedes. Rivaldo Gomes/Folhapress

Bolsonaro se reúne com banqueiros e volta a atacar carta pró-democracia

Presidente também critica adesão de Lula ao manifesto e afirma que não vai assinar 'cartinha'

Lucas Bombana

SÃO PAULO Em encontro com os representantes dos grandes bancos nesta segunda-feira (8), o presidente Jair Bolsonaro (PL) voltou a atacar o manifesto em defesa da democracia que deve ser lido na Faculdade de Direito da USP nesta quinta (11).

Dirigindo-se a banqueiros, o presidente afirmou: "Vocês têm que olhar na minha cara, ver as minhas ações, e me julgar por aí". "Não vou assinar cartinha", acrescentou.

O chefe do Executivo participou nesta segunda de encontro com a Febraban (Federação Brasileira de Bancos) e a CNF (Confederação Nacional das Instituições Financeiras) em São Paulo.

A Febraban é uma das instituições que decidiram assinar o manifesto organizado por entidades da sociedade civil em defesa da democracia.

Estiveram no evento Milton Maluhy Filho (presidente do Itaú), Octávio de Lazari Junior (presidente do Bradesco), Luiz Carlos Trabuco (presidente do conselho de administração do Bradesco), Mário Leão (presidente do Santander), Sérgio Rial (presidente do conselho de administração do Santander), Fausto Ribeiro (presidente do BB), Da-

nielli Marques (presidente da Caixa) e Isaac Sidney, presidente da Febraban.

Na noite desta segunda, o podcast Flow, Bolsonaro voltou a criticar o manifesto. "Essas pessoas que assinam agora manifesto pela democracia, que é um grave ataque à minha pessoa, como se eu não fosse democrata", disse.

Mais cedo, à Febraban, Bolsonaro defendeu a participação das Forças Armadas nas discussões sobre o processo eleitoral. "Se as Forças Armadas foram convidadas a participar da Comissão de Transparência das Eleições e apresentaram sugestões, deixem as equipes técnicas discutirem. Quem sabe as Forças Armadas estejam equivocadas? Mas não impedir essa aproximação e essa conversa", disse.

Nesta segunda, o TSE (Tribunal Superior Eleitoral) negou parcialmente um pedido das Forças Armadas de acesso a arquivos das eleições de 2014 e 2018 — justamente os anos em que o presidente alega sem nenhuma evidência, além de teorias conspiratórias, que teria havido fraude. Bolsonaro acumulou mentiras sobre o tema.

O pedido se soma a uma série de ocasiões em que os militares questionaram a corte em alinhamento ao discurso

do presidente de desacreditar as urnas.

"O voto é a alma da democracia, e nós lutamos por transparência. Nada mais além disso", afirmou Bolsonaro aos banqueiros.

Em tom alarmista e eleitoreiro, o presidente fez menção em seu discurso ao Foro de São Paulo (termo conspiratório adotado pela militância de direita e de extrema direi-

ta) e afirmou considerar que a esquerda é responsável pelo fracasso econômico de países vizinhos. Disse ainda que, se o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) voltar ao poder, o Brasil pode se juntar a um "trenzinho" encabeçado por Cuba e Venezuela.

"Todos do Foro de São Paulo" têm que ser convidados para assinar a Carta pela Democracia agora... Vamos tirar o Bolsonaro dali. É melhor um democrata na corrupção do que um honesto em um regime forte.

“

Vocês têm que olhar na minha cara, ver as minhas ações, e me julgar por aí. Não vou assinar cartinha

Se as Forças Armadas foram convidadas a participar da Comissão de Transparência das Eleições e apresentaram sugestões, deixem as equipes técnicas discutirem. Quem sabe as Forças Armadas estejam equivocadas?

Todos do 'Foro de São Paulo' têm que ser convidados para assinar a Carta pela Democracia agora... Vamos tirar o Bolsonaro dali. É melhor um democrata na corrupção do que um honesto em um regime forte

Jair Bolsonaro durante encontro com banqueiros nesta segunda (8)

Bolsonaro dali. É melhor um democrata na corrupção do que um honesto em um regime forte. Qual é o regime forte meu? Me aponte uma palavra minha contra a democracia? Eu mandei prender algum deputado?", afirmou.

Bolsonaro fez do encontro uma espécie de palanque eleitoral, exibiu cartazes com reproduções do noticiário e criticou a adesão de Lula ao manifesto pela democracia.

"Tanto é que, segundo a imprensa, [Lula] acabou de assinar a carta pró-democracia. Fotografia linda, do lado da jovem esposa", ironizou o chefe do Executivo. Na sequência, citou declarações do adversário favoráveis à ditadura de Daniel Ortega na Nicarágua e relembrou o apoio aos governos de Hugo Chávez e Nicolás Maduro na Venezuela.

O presidente perguntou aos banqueiros se eles "recontrariam um empregado que foi preso no passado" — em referência à candidatura de Lula, que chegou a cumprir pena em razão de condenações na Lava Jato, porém o processo foi considerado irregular em análise posterior do STF.

Bolsonaro também pediu que os juros cobrados na modalidade do empréstimo consignado sejam reduzidos pelas instituições financeiras.

"Faço um apelo para vocês. Vai entrar o pessoal do BPC [Benefício de Prestação Continuada] no empréstimo consignado. Isso é garantia, desconto em folha. Se puderem reduzir o máximo possível, porque ainda estamos no final da turbulência, para que todos nós possamos cada vez mais mostrar que o Brasil não é mais um país do futuro, é do presente", afirmou.

O Senado aprovou em julho medida provisória que autoriza a concessão de empréstimo consignado para quem recebe o BPC (benefício voltado a idosos de baixa renda e pessoas com deficiência) e aumenta a margem dos créditos consignados para aposentados e pensionistas.

Segundo a coluna Paineal S.A., da Folha, o presidente da Febraban, Isaac Sidney, disse a Bolsonaro que o setor bancário trabalha com "diálogo" e "perspectiva de colaboração com todas as autoridades constituídas". Disse, ainda, que tem serenidade ao falar de juros e que os que os bancos querem é uma economia estável, com inflação baixa, "que permita juros mais baratos" para ampliar o crédito.

"Prezamos pela importância da interlocução e do diálogo, pois precisamos buscar, iniciativa privada e poder público, a melhoria do ambiente de negócios para aumentar a produtividade e a competitividade do Brasil", disse Sidney.

Os ministros Paulo Guedes (Economia), Ciro Nogueira (Casa Civil) e o candidato ao governo de São Paulo Tarcísio de Freitas, também estavam na plateia de convidados na sede da federação dos bancos.

"Foi uma oportunidade de fazer uma retrospectiva do que o Brasil passou, e de como está saindo", afirmou Tarcísio a jornalistas.

O candidato ao governo paulista afirmou que o país é dos dois únicos hoje que está crescendo e gerando emprego, e com medida para controlar a alta da inflação.

"A gente fala tanto em respeito às instituições, olha como foi importante, isso foi falado aqui, ter um Banco Central independente. Ele foi o primeiro banco central a subir juros, e vai ser o primeiro a baixar juros, porque a inflação está cedendo".

O encontro foi uma tentativa de reafirmação com um setor que tem se posicionado de modo mais crítico nas últimas semanas, desde que Bolsonaro atacou o sistema eleitoral diante de embaixadores estrangeiros.

Não foi a primeira vez que o presidente criticou os manifestos. Bolsonaro já chamou os signatários da carta de "empresários mamíferos".

"Esse pessoal que assina esse manifesto é cara de pau, sem caráter, não vou falar outros adjetivos, porque sou uma pessoa bastante educada", disse à Rádio Guaíba. Com UOL

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mercado Caderno: A Pagina: 15